

PRODUÇÃO FEMININA NA CIÊNCIA AUMENTA E GANHA VISIBILIDADE

Cada vez mais mulheres publicam artigos científicos, mas poucas ainda chegam a cargos elevados

O sequenciamento do genoma do novo coronavírus identificado em um brasileiro por um grupo de pesquisa composto em sua maioria por mulheres chamou tanta ou mais atenção que o feito científico em si. Mas mulheres que se destacam na ciência estão longe de ser uma raridade no País. A proporção entre homens e mulheres que publicam pesquisas no Brasil está mais equilibrada. Segundo levantamento, 44,25% dos artigos científicos são publicados por mulheres e 55,75%, por homens. As brasileiras ocupam posições melhores nas áreas médicas e biológicas. A bioquímica Helena Nader, ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e atual vice da Academia Brasileira de Ciências, afirma que há avanços claros, mas destaca que poucas pesquisadoras do Brasil chegaram a cargos elevados. A fim de dar visibilidade ao trabalho das mulheres que fazem ciência no País, foi lançada a plataforma Open Box da Ciência, que selecionou 250 pesquisadoras.

Retratos do Brasil. Presença foi de 35% para 44% entre pesquisadores que publicam estudos no País, segundo trabalho que analisa paridade entre gêneros. Áreas com mais destaque são Médicas e Biológicas; houve melhora nas Exatas, mas sub-representação continua.

Mulheres no topo



Monica Levy Andersen. Estuda a influência do sono na sexualidade



Sandra Padula. Faz pesquisas com acelerador de partículas



Ester Sabino. Sequenciou o genoma do coronavírus



Jaqueline Goes. Sequenciou o genoma do coronavírus

Em 20 anos, aumenta a participação das mulheres na produção de ciência

Na semana passada, o esforço para sequenciar o genoma do coronavírus identificado em um brasileiro foi liderado por um grupo de pesquisa composto em sua maioria por mulheres – fato que acabou chamando tanta ou mais a atenção que o feito

científico em si. Mulheres que se destacam na ciência, porém, estão longe de ser uma raridade no País, apesar de ainda reinarem algumas desigualdades.

A proporção entre homens e mulheres que publicam pesquisas no Brasil vem crescendo e está cada vez mais próxima, como revela o recém-publicado relatório *A Jornada do Pesquisador pela Lente de Gênero*, da editora científica Elsevier. O levantamento aponta proporção de 0,79 mulher para cada homem que publica artigos. Em porcentagem: 44,25% são mulheres e 55,75%, homens. O estudo foi antecipado pela Revista Pesquisa Fapesp. A pesquisa considerou a paridade de gênero entre cientistas de 15 países a partir de publicações em periódicos da base Scopus em dois períodos: de 2014 a 2018 e de 1999 a 2003. No intervalo, houve avanço da participação feminina em todo o mundo, passando de 29% para 38%. No Brasil, no início do século, 35,3% dos autores eram mulheres. Em termos de paridade, o País só perde para Portugal (48,32%), e para a Argentina, única nação que tem mais mulheres cientistas assinando artigos que homens: 51%. Mas fica à frente de Estados Unidos (33,62%) e Alemanha (32,02%). A pior proporção foi registrada no Japão – 15,22%. Mas se na autoria da pesquisa o mundo está mais próximo da paridade de gênero do que há uma década, com o tempo, a proporção de mulheres para homens como autores diminui. Com isso, eles publicam mais, têm maior impacto e exposição ao avanço da carreira. No Brasil, entre 2014 e 2018, cada homem publicou, em média, 4,27 artigos, ante 3,11 por mulher. A diferença teve pouco impacto no nível de citação dos autores, que foi similar para os dois gêneros.

Cargos de chefia. “Em geral a presença feminina melhorou como um todo na educação no País. No ensino médio, elas completam mais os estudos. Uma análise da OCDE com pessoas entre 18 e 30 anos mostrou que enquanto 30% delas não haviam terminado o ensino médio, entre os homens era mais de 40%”, comenta a bioquímica

● **Sob ataque**

“A ciência está sob ataque. O País está retrocedendo, com machismo, com piada de mulher. Está voltando a velha ideia de que a

responsabilidade dos filhos, da casa, é da mulher. É preciso que se mantenham os recursos na ciência, ou não vamos ter nem mulher nem homem na ciência”

Helena Nader

VICE-PRESIDENTE DA ABC

Helena Nader. Ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e atual vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), ela afirma que há avanços claros, mas pondera que ainda são

poucas pesquisadoras do Brasil que chegam a cargos elevados. “O cenário está melhorando, hoje as mulheres são maioria entre os ingressantes do ensino superior e elas também se formam mais que os rapazes. Na pós, como um todo, também, mas entre os bolsistas de produtividades do CNPq os homens ainda são maioria”, aponta Helena. As bolsas do CNPq, principal órgão de fomento à ciência do País, têm os valores mais altos e aumentam à medida que cresce a produção do pesquisador. Levantamento da ONG Gênero e Número sobre a base do CNPq em 2015 observou que apenas 25% dos bolsistas 1A, o nível mais elevado, eram mulheres.

Distribuição. A distribuição mais equânime por autores, porém, não ocorre em todas as áreas. As brasileiras ocupam posições melhores em Médicas e Biológicas. Entre os artigos publicados de 2014 a 2018, a participação feminina era majoritária na autoria de estudos sobre diabetes e endocrinologia (1,44 mulher para cada homem); psicologia (1,65) e pediatria (1,81). A área com mais mulheres é enfermagem, com 2,7 para cada homem – hegemonia que se repete no mundo e que no Brasil aumentou ao longo dos anos. Chamam a atenção os saltos em algumas áreas. Em fertilidade e nascimento, elas deixaram de ser minoria no período de 1999 a 2003 (0,8 para cada homem) para se tornarem maioria entre 2014 a 2018 (1,53 para 1), assim como em clínica médica geral (de 0,77 para 1,32) e em

neurociência (de 0,85 para 1,20). Nas exatas, ainda há sub-representação. Só 0,25 para 1 em Ciência da Computação e em Matemática – praticamente igual às taxas de 20 anos atrás. Nas engenharias e em energia, 0,3 para cada homem. Mas houve avanços. Em ciências planetárias, a proporção subiu de 0,26 para 0,46 para cada homem. Em economia, foi de 0,1 para 0,4. ■

PRECONCEITO

As piores frases que
elas já ouviram

**“A aluna mulher raciocina
brilhantemente como homem,
por isso a nota total”**

Cármem Lúcia

MINISTRA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL
O COMENTÁRIO FOI FEITO POR
UM PROFESSOR SOBRE SUA TESE DE
MESTRADO EM DIREITO CONSTITUCIONAL
PELA UFMG

**“Ele não deveria ser
condenado para não ter o
currículo manchado.”**

Maria Elizabeth Rocha

MINISTRA DO SUPREMO TRIBUNAL MILITAR
ELA OUVIU A FRASE DE UM COLEGA
DA CORTE APÓS JULGAMENTO
DE UM CABO ACUSADO DE ESTUPRO

**“Tem outra pessoa com quem
eu possa falar?”**

Leany Lemos

SECRETÁRIA DE PLANEJAMENTO DO RIO
GRANDE DO SUL.
É MUITO COMUM AS PESSOAS LHE
PERGUNTAREM, NO DIA A DIA DA
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, SE ELA É A
“SECRETÁRIA DO SECRETÁRIO”

Questões para reflexão

1. Quais as áreas científicas que as mulheres têm mais presença? E as áreas com menos presença feminina?
2. As mulheres têm forte presença na Matemática brasileira? Justifique sua resposta.
3. Com sua dupla, discuta e registre suas opiniões sobre o porquê de poucas mulheres estudarem e trabalharem com Matemática no Brasil.

Extraído de O Estado de S. Paulo, 08 de março de 2020, p. A1 e A14.